



## **Primavera Brasileira: como o conceito de onipresença recaiu sobre as manifestações de 2013 no Brasil<sup>1</sup>**

Ana Daniella FECHINE<sup>2</sup>

Joana BELARMINO<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **RESUMO**

As manifestações que eclodiram no Brasil em junho de 2013 ficarão marcadas na história do país como um exemplo de democracia, mas também como as piores cenas de repressão e vandalismo, desde a Ditadura Militar. Tendo em mente o conceito de onipresença abordado na Hipótese do Agendamento, o presente artigo submetido às atividades da disciplina Teorias do Jornalismo, busca realizar um estudo comparado, tendo como objeto de análise a cobertura midiática da chamada Primavera Brasileira que transbordou para além dos meios tradicionais de mídia recaindo sobre as mais diversas formas de se fazer jornalismo. A análise dos principais meios difusores das notícias é essencial para o entendimento da multiplicidade de opiniões que circulam em nossa sociedade.

**Palavras-Chave:** Cobertura; Hipótese do Agendamento; Manifestações no Brasil; Primavera Brasileira.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo teve por finalidade concluir as atividades da disciplina Teorias do Jornalismo, e aqui se apresenta como um exercício não rigoroso de realização de um estudo comparado, de natureza exploratória, tomando como base teórica uma das concepções centrais da teoria do agendamento, ou seja, a concepção de Onipresença. Logo, o artigo tem uma função eminentemente didático-acadêmica, visto ser o primeiro no gênero produzido pela aluna, uma vez que estava cursando o primeiro período da graduação. Objetiva contextualizar os estudos da agenda setting partindo do conceito

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Junior – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, matrícula: 11324774, email: [daniellafechine\\_leite@hotmail.com](mailto:daniellafechine_leite@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientador o trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFPB, email: [joanabelarmino00@gmail.com](mailto:joanabelarmino00@gmail.com).



de onipresença, que se enquadra perfeitamente no processo de mudança pelo qual o Brasil passou no ano de 2013. O acontecimento se alastrou por todas as mídias.

Em junho de 2013 o Brasil parou. Milhares de pessoas, principalmente jovens, saíram do *Facebook* e foram às ruas, mostrando um grande descontentamento com a situação do país. Fazendo uma alusão sarcástica à propaganda da Coca-Cola que, na época, tomava conta dos comerciais de TV, o protesto adotou como principal *single* a frase “vem pra rua!”. O movimento não teve dono, mas motivos para acontecer não faltaram.

As manifestações tiveram início através do Movimento Passe Livre (MPL) logo após o anúncio dos governantes sobre o aumento das tarifas dos transportes públicos em 20 centavos. Porém, não parou por aí. Conforme o número de manifestantes ia crescendo, e com a presença dos chamados Black Blocs – mascarados que tomavam a frente do movimento para defender os manifestantes, deixando rastros de destruição do simbólico capitalismo – o controle da ordem ficava cada vez mais difícil. Como não houve desistência por parte de quem protestava, a Tropa de Choque deu o passo inicial para a repressão, utilizando excessivamente do seu poder e de armas menos letais. Essa atitude viria a ser apenas o início de um período bastante conturbado. A partir da censura e repressão, a indignação tomou conta das redes sociais e de todo o Brasil. Nesse momento se iniciava uma manifestação que não apenas reivindicava a revogação do aumento das tarifas, mas que também gritava por melhorias na saúde, educação, transporte e segurança.

Com o advento dos amistosos para a Copa das Confederações e futura Copa do Mundo, sediadas pelo Brasil, as insatisfações ultrapassaram as catracas de ônibus e metrô. Tornou-se uma contradição um país em falta com investimentos nos setores públicos sediar um campeonato mundial onde a exigência feita na cartilha da FIFA<sup>4</sup> ultrapassava até as próprias leis nacionais. A fortuna gasta em estádios de futebol que não teriam tanta utilidade após o evento amargou ainda mais a fúria dos brasileiros.

Outra reivindicação exposta fervorosamente nos cartazes foi em relação a PEC 37, intitulada pelos manifestantes de PEC da impunidade, pois, para os opositores, era uma forma de amenizar as investigações contra políticos. A PEC é

uma proposta da Emenda Constitucional nº 37, que tramitava no Congresso, explicitando a diretriz constitucional de que cabe às forças policiais fazerem investigações criminais. A PEC 37 tinha o objetivo de restringir as ações de investigação que o Ministério Público (MP)

---

<sup>4</sup> Entidade que dirige o futebol mundial.



realizou nos últimos anos, destacando-se em assuntos de projeção nacional. (REVISTA GUIA DO ESTUDANTE, 2013, p.104).

Todos esses acontecimentos, incrementados com inúmeros detalhes e com um desfecho um tanto quanto convencional que virão a ser discutidos neste artigo, transbordaram para além dos meios tradicionais de mídia. As manifestações de junho quebraram tabus de quem pensa que jornalismo só se faz na TV. Enganam-se. Os protestos se iniciaram nas páginas das redes sociais e até então a cobertura televisiva ainda era muito escassa. As notícias invadiram revistas de direita e de esquerda; e a repressão foi vista de diversas formas pelos jornais impressos. O Jornal televisivo também fez sua cobertura tradicional, com o intuito de informar e repassar os fatos. Mas foi a chamada Mídia Ninja que esteve dentro das manifestações, com seus aparelhos portáteis e seu corpo dentro de um processo que ela também estava lutando.

### **Breve histórico da Hipótese do agendamento**

Elaborada por Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw, a Hipótese do Agendamento pauta sobre a influência que os veículos de comunicação adquirem na visão de mundo de uma sociedade, influência esta que se dá a médios e longos prazos. Em seu livro *Teorias da Comunicação*, Hohfeldt afirma que a mídia está presente no nosso dia-a-dia orientando os nossos relacionamentos e nos dizendo o que pensar e como pensar sobre os fatos noticiados.

O perigo da também chamada Agenda Setting está nas suas consequências. Uma sociedade onde todos são controlados pela mídia é, no mínimo, preocupante. A manipulação e a massificação, além de silenciar os receptores, gera para os mercadores de notícia uma responsabilidade social.

Segundo Hohfeldt (2002) vivemos numa sociedade anônima, fruto da urbanização, onde somos completamente dependentes dos chamados meios de comunicação de massa ou *mass media*. Essa influência se dá – e é necessária – devido ao difícil acesso direto aos acontecimentos. Diferentemente das sociedades comunitárias ou primitivas, onde o fluxo informacional dava-se de forma personalizada e direta.

Na hipótese do agendamento esse fluxo contínuo de informação vai ser chamado de “efeito enciclopédia”, sendo comprovado pela ação da mídia. Ou seja, o processo comunicacional não é limitado, fechado.

Todos os pressupostos da hipótese foram comprovados por Maxwell através da análise do processo eleitoral que acontecia nos Estados Unidos da América. Concluiu-



se, portanto, que não só a mídia agendava ou influenciava o receptor, assim como também o contrário acontecia, e, por surpresa, os candidatos também começavam a agendar novos temas. Desta forma, notou-se um interagendamento de mídias e uma influência entre a agenda do receptor e a midiática, como também destas duas com a agenda pública.

Hohlfeldt ainda apresenta nos seus estudos – que, inclusive, torna-se uma questão de discussão atual – alguns conceitos que contribuem para o entendimento da teoria, como o de acumulação, consonância, relevância, *frame temporal*, *time-lag*, centralidade, tematização, saliência, focalização e onipresença. Este último se traduz no momento em que um dado acontecimento transborda para além dos meios tradicionais de mídia, adquirindo diferentes abordagens a partir de diferentes meios e, no caso, será tema do artigo e conseqüentemente discutido e contextualizado.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do presente artigo constituiu-se em duas etapas básicas, a saber: leitura bibliográfica dos estudos da Hipótese do Agendamento, como também conteúdos convergentes ao tema em questão, para fundamentação teórica; pesquisa documental para coleta de dados a serem analisados, como a leitura de revistas e jornais, para a execução do estudo comparado entre suas diferentes coberturas e pontos de vista, e a análise áudio visual de reportagens sobre a atuação do jornalismo alternativo durante as manifestações no Brasil.

Foi utilizado um método comparativo, após a leitura de todas as edições sobre o tema proposto, entre as abordagens das revistas IstoÉ, Carta Capital e Veja, como também das manchetes de três jornais impressos – A Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo. Diante disso, chegou-se a conclusão do posicionamento discrepante entre as revistas e dos enfoques muito variados dos jornais.

Também foi necessário conhecer o jornalismo participativo, a Mídia Ninja, devido à sua grande assiduidade no movimento, e essa apropriação se deu a partir de vídeos, entrevistas e leituras, chegando-se a um ponto de vista pessoal.

## **MÍDIA NINJA**



Como dito antes, não houve um tutor para as manifestações de junho de 2013. Isso também se encaixa para a cobertura e transmissão dos acontecimentos, quando a mistura de repórteres, fotógrafos e câmeras, amadores e profissionais, foi tamanha. Porém, foi a Mídia Ninja que conseguiu o destaque ou que melhor destacou os fatos. A sigla NINJA significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. É um tipo de jornalismo participativo, com contribuintes distribuídos por vários cantos do país e que se unem em um só eixo.

A Mídia Ninja mostrou para o mundo a visão dos manifestantes que participavam dos protestos; estiveram dentro dos acontecimentos com uma parcialidade escancarada. Registrando de perto e de forma crua, direta e real, mesmo com a grande violência e o perigo que rondava as principais avenidas do Brasil, esses jornalistas amadores foram o motor das manifestações. Não se importando em tomar partido do protesto, já que eles mesmos também eram o movimento, os integrantes do grupo afirmam que a violência maior foi praticada pelo estado e contra as pessoas.

Na época, o veículo mais legítimo e confiável era a rede social, onde os vídeos do Ninja iam parar. Foi a alternativa de comunicação que mais ganhou repercussão, captando imagens instantâneas que as outras mídias não conseguiam, tendo cedido, muitas vezes, esses materiais para os jornais televisivos, que filtravam e omitiam o que a internet expunha sem censura. Logo, o telejornal se viu obrigado a se render ao jornalismo de rua. A grande diferença entre esses dois meios é o público a que se domina. A Mídia Ninja e, não só ela, como também outros grupos de jornalismo participativo, se abre para a diversidade social enquanto o jornal televisivo, marcado por rotinas rígidas de produção, por fatores como tempo e distribuição de programações locais e nacionais, realiza uma cobertura fechada e limitada dos acontecimentos.

Essa maneira automática de captar as informações tornou-se também uma forma de combater a alienação que é vociferada pela TV num momento como esse, fazendo o espectador a todo instante comparar a cobertura em tempo real de um *smartphone* com a alta qualidade e resolução de uma câmera profissional que não era capaz de captar nem metade do que as mídias digitais conseguiam.

A cobertura da Mídia Ninja, sem filtros, se contrapõe de maneira clara à cobertura televisiva que, no caso das manifestações, maquiou e editou tão bem os acontecimentos reais, que os próprios manifestantes se voltaram contra essa abordagem limitada e exclamada pelo telejornal, principalmente a Rede Globo, que foi alvo de xingamentos e protestos.



Segundo Arruda (2013) “a mídia ninja conseguiu mostrar para a população que existe possibilidade de acesso à informação alternativa e que é possível furar até certo ponto esse bloqueio midiático.”<sup>5</sup> Inclusive, foram esses grupos que conseguiram mostrar e provar, digamos assim, que muitas vezes foi a própria polícia que deu início a repressão.

O âncora da Rede Record, Barbeiro (2013), afirma em reportagem que a Mídia Ninja trouxe uma maior consciência cidadã para toda a população, assim como também instituiu a ideia de que todos são capazes de registrar e divulgar qualquer tipo de informação. Isso se afirma cada vez mais nos protestos e manifestações que acontecem com frequência no Brasil, por motivos diferenciados. A Mídia Ninja foi fiel e clara aos acontecimentos, trazendo veracidades irrefutáveis nos fatos.

## **PONTO DE VISTA – REPRESSÃO**

Como forma escolhida de calar a manifestação, a repressão foi cena principal na ação dos policiais. O dia 13 de junho de 2013 marcou um dos maiores protestos em São Paulo, que teria como destino a Avenida Paulista. Apoderando-se desta data para análise, fica registrado que o maior motivo da repressão ocasionado por parte dos policiais foi devido à interrupção da manifestação pela Polícia Militar (PM), evitando que os manifestantes chegassem ao seu destino.

Nessa noite, os policiais não repreenderam somente os manifestantes, mas também jornalistas que trabalhavam na cobertura do protesto, sendo sete deles empregados do jornal A Folha de S. Paulo. Com suas vítimas desarmadas, a PM utilizou cassetetes, *sprays* de pimenta, balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo para dispersar o movimento. A partir desse início, a manifestação adquiriu um caráter de luta pela liberdade de expressão.

O jornal O Globo, em manchete, se manteve imparcial em relação à atitude brutal dos policiais, não os condenando diretamente. As páginas enfocaram apenas o crescimento da violência e repressão que mais uma vez havia tomado conta da cidade, não acusando em momento algum a Polícia Militar de ferir ou prender manifestantes e

---

<sup>5</sup> Sociólogo Pedro Arruda em entrevista concebida aos alunos do curso de Jornalismo (instituição não identificada) e disponibilizada no canal de vídeos *Youtube*.



jornalistas. Também não destacou a ausência do vandalismo que foi notícia célebre na noite do dia 13.

Diferentemente do jornal mencionado acima, a Folha de S. Paulo abordou explicitamente a repressão da Polícia Militar, destacando a jornalista Giuliana Vallona, que foi baleada no olho enquanto trabalhava. No texto principal a Folha abriu com a seguinte manchete: “A Polícia Militar reagiu com forte violência”, de modo que a palavra “forte” requer certa condenação ao ato. Em três chamadas, o Jornal não deixou de enfatizar a violência que foi gerada nesta data e alegou que “a democracia precisa aprender a conviver com manifestações”.

Já O Estado de S. Paulo se desviou constantemente das visões da Folha e de O Globo, enfatizando a repressão com o alto número de feridos no confronto entre a PM e os manifestantes que caminhavam em direção a Avenida Paulista. Além disso, o seguinte jornal enfocou o caos que a cidade enfrentou com o trânsito, fazendo com que muitos abandonassem seus carros e se perdessem na multidão para escaparem do aglomerado.

## **O POSICIONAMENTO DAS REVISTAS**

É sabido que, embora o papel de um jornalista seja manter sua imparcialidade diante dos fatos, as revistas em circulação no Brasil estão presentes para um novo papel: não mais de mostrar uma cobertura extensa dos fatos, mas de ser uma disseminadora de opiniões. Isso será visto com frequência na análise feita brevemente sobre as principais revistas que cobriram a Primavera Brasileira – manifestações de junho de 2013 no Brasil. IstoÉ, Veja e Carta Capital foram escolhidas devido a discrepância que existe entre as três, pois ambas estão a tratar o assunto em questão de maneiras indiscutivelmente diferentes e com posições também diversificadas.

### **Revista IstoÉ**

Em três extensas edições, a Revista IstoÉ traz o seu posicionamento diante o longo trajeto das manifestações. O seu principal foco foi a repressão policial e as atitudes de vandalismo praticadas por jovens mascarados e infiltrados entre os manifestantes. A maioria das matérias trazem as desaprovações diante o despreparo da



Polícia Militar, e chegam, inclusive, a tratar com sarcasmo a ausência das autoridades responsáveis pelo Estado.

Alegando que os manifestantes procuram respostas para as suas causas, a IstoÉ reprime a violência da PM com veemência e afirma que não são esses tipos de resposta que o cidadão merece ouvir. Moreira (2013), autor de uma das matérias, explicita sua posição e diz que “falta ação da polícia para reprimir o crime, mas sobra força para repreender a população de forma arbitrária”.

Ainda sobre a repressão, a revista dá enfoque também no uso das armas menos letais – que deixaram de ser consideradas armas não letais. Não existe lei que reprima o uso dessas armas e a postura da polícia brasileira é explicada pelo fato de seguirem parâmetros determinados pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), assim como os Estados Unidos. Todas essas armas – spray de pimenta, bomba de gás lacrimogêneo e balas de borracha – se usadas erradamente e por profissionais despreparados, podem levar a morte da vítima. Inclusive, essa atitude é repugnada e denunciada pela autora Laura Daudén quando disserta, em matéria exclusiva, sobre o uso correto do spray de pimenta e posteriormente apresenta uma imagem de um policial fardado manuseando o material, em uma das manifestações, exatamente da forma repreendida e inadequada, na estudante de rádio e tevê Gabriela Lacerda, juntamente com o seu namorado.

Outro grande alvo das manifestações após o seu estopim, foi o custo abusivo e muitas vezes superfaturado, com a Copa das Confederações e futura Copa do Mundo, quando a qualidade dos serviços públicos estava precária. Como já foi explanado na introdução do presente artigo, a FIFA impõe um padrão altamente taxativo para tornar um país sede do mundial. A IstoÉ revela que essa imposição e, mais ainda, a aceitação do Brasil a essa demanda, foi grito forte em todas as ruas e avenidas do país, e claro, cobertos de razão. A professora Baldy (2013) alega que esse reavivamento é apenas uma percepção de que o legado positivo que todos apostavam com a Copa do Mundo, simplesmente não vai se concretizar.

Quando a revista foge um pouco da repressão é para falar sobre o governo. Todos sabem e é inegável que o governo de Dilma Rousseff não será mais o mesmo, nem poderá funcionar mais com as mesmas ideias ou perspectivas. As insatisfações populares não só recaíram sobre os serviços públicos, como também tiveram uma ótica na atual administração do país. Esse descontentamento foi comprovado na inauguração do estádio Mané Garrincha, quando a presidente foi impossibilitada de prosseguir o seu





discurso devido a um coro uníssono de vaias. Em matéria exclusiva, a IstoÉ também traz a visão de Lula – que obteve um favoritismo crescente – sobre os protestos e suas preocupações, quando o mesmo resolveu permanecer quase apagado para evitar maiores pressões sobre a presidente. A revista sinaliza ainda algo curioso: nunca tantos políticos estiveram juntos em um só campo comum. De governadores a deputados, todos receberam o desprezo nas ruas do país.

Utilizando-se do título “apesar de vocês”, a IstoÉ faz analogia à música do cantor e compositor Chico Buarque de Holanda para retratar com repúdio e denúncia a atitude de pequenos grupos baderneiros que ganhavam as cenas nos finais dos protestos. Com desaprovação, conclui que um dos maiores problemas nas manifestações foi o despreparo da polícia brasileira na mediação dos conflitos, que utilizaram o ataque no lugar da prevenção. Isso se explica num fato simples: no início do movimento, a própria polícia reprimiu a maior parte dos manifestantes sem nenhum motivo aparente, com atitudes violentas e covardes. Porém, no momento de real atitude, quando os patrimônios públicos estavam sendo depredados, os braços simplesmente foram cruzados. Transportando mais um verso do Chico Buarque – “amanhã há de ser outro dia” – a matéria é concluída com uma espécie de aviso aos governantes, pois, a partir de então, qualquer decisão política tomada sem consulta da opinião pública progredirá inevitavelmente ao fracasso, assim como também, aquele governante que não atentar ao fato alarmante de que as redes sociais – difusoras e reais líderes do movimento – ocuparam o cenário político, serão extintos como qualquer tecnologia obsoleta.

Portanto, diante do exposto, é inevitável a seguinte reflexão: “o que estamos festejando?”. Não se deve julgar como conquistas as reivindicações aceitas, pois, segundo Boechat (2013), isso é “apenas um recuo explícito dos próprios autores do erro”. O que se indaga é o que ficou/ficará depois desse mês conturbado, além de memórias para contar aos filhos?

### **Revista Carta Capital**

Em três edições diferenciadas, a revista Carta Capital, claramente de esquerda, se mostra, além disso, também contra o governo atual. Em sua primeira edição sobre as manifestações no Brasil em 2013, ela traz uma preocupação, escrita por Ciro Gomes, em não deixar que o governo atrapalhe, evite ou reprima o movimento. Compreende linhas adentro todos os protestos contra a Copa do Mundo e, nesse caso, muito se



assemelha às opiniões dadas pela revista IstoÉ, onde a agenda da FIFA é cumprida de forma exemplar, enquanto os problemas do nosso dia a dia sequer são planejados.

Não há dúvida da crítica que é feita ao governo petista, principalmente devido ao silêncio diante tantas demandas da população.

Vamos dar a mão à palmatória: o Brasil navega a esmo. Não tem projeto para nada importante. A economia se deteriora a olhos vistos e Brasília só responde com favores inexplicáveis a grupos de interesse. A política movida à fisiologia, clientelismo e corrupção tem os mais incríveis protagonistas que já vi na vida. (GOMES, 2013)

A revista também faz crítica ao jornalismo padrão, que compara as manifestações de 2013 no Brasil com aquelas pelo impeachment de Fernando Collor. Um equívoco – na melhor das palavras – pois a Rede Globo mobilizou uma juventude mascarada para ir à busca da condenação do presidente, quando o mesmo já havia sido atingido por provas concretas. Muito irônico, também, porque nas manifestações de 2013 a emissora omitiu inúmeros acontecimentos, principalmente aqueles ligados a repressão, fazendo uma cobertura parcial e desproporcional quanto à realidade. Interligando as matérias, surge uma espécie de esperança sobre o governo do país diante a onda de protestos que assolou o Brasil. Uma esperança de que isso tudo “oxigene” a política brasileira. E nada mais justo do que lutar pela causa.

O colunista Wálter Maierovitch, inteligentemente, retrocede ao ano de 1215, quando a criação da Magna Carta transmitiu às constituições modernas, as liberdades públicas. Utiliza desse recurso para retratar a grande repressão que a Polícia Militar do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, direcionou aos protestos. O que, segundo o autor, revelou mais uma vez o seu desprezo pela constituição, aos direitos humanos e às liberdades públicas. De fato, o enfoque de sua matéria é criticar o governador paulista pelas suas atitudes despreparadas e indiscriminadas, trazendo outras cenas de seu “comportamento de matriz pacífica”. Wálter (2013) ainda diz que essa máquina governamental é “[...] uma corporação que não consegue abdicar da cultura adquirida na ditadura militar [...]”.

Diante da pluralidade das manifestações, é posto em cheque o futuro do país, assim como o futuro da política brasileira. E com ou sem violência, movimentos desse porte são danosos ao governo.

Manifestações populares são comuns à democracia. Machado de Assis, mesmo emparedado por uma elite autoritária e reacionária, percebeu e estimulou as liberdades oferecidas pelo, então, novo regime republicano, em crônica de 1892: “a liberdade não é surda-



muda nem parálitica. Ela vive, ela fala, ela bate as mãos, ela ri, ela assobia, ela clama, ela vive da vida”. (DIAS, 2013)

Finalizando a cobertura, a Carta Capital apresenta uma espécie de reportagem sobre os Black Blocs, onde intitula, de início, como uma prática de guerrilha urbana. Escrita por Piero Locatelli, a matéria faz uma explanação generalizada sobre a tática, sempre de maneira imparcial, com entrevistas e declarações de outras pessoas. Expõe as duas opiniões e as confronta. Porém, em comparação com a Revista Veja – analisada posteriormente – a posição da Carta Capital torna a prática Black Bloc um tanto compreensível, pois além de trazer questionamentos e depoimentos dos próprios ativistas, esclarece a história do seu surgimento, assim como também, de que forma essa prática se alastrou no Brasil. Inclusive, em uma das declarações, Avelino (2013) diz que a prática é uma forma de comunicação e que protestar pela palavra seria hipocrisia, pois é por meio desta que o Estado de Direito exerce violência.

### **Revista Veja**

Perigosamente tendenciosa, a primeira matéria especial da Revista Veja aborda a violência de maneira infiel, dando enfoque na “minorias do quebra-quebra” e atribuindo a estes o adjetivo de “desocupados”. A todo instante a revista menospreza e diminui o movimento, sempre que se refere ao Movimento Passe Livre (MPL), os iniciantes do protesto. Rangel e Megale (2013, p. 88) atribuem às manifestações apenas um fervor de baderna e arruaça, quando na verdade foram os vândalos ou os grupos baderneiros que se juntaram aos manifestantes:

O fenômeno realmente espantoso ocorrido na semana passada no Brasil foi o fato de às minorias terem se juntado milhares de rapazes e moças que tinha tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada, e não engrossando as fileiras das minorias de vândalos profissionais.

As autoras se baseiam em informações policiais e, coincidentemente, não citam a repressão em sua matéria, exceto no fim onde ainda acrescentam que esta seria uma atitude necessária. Onde vamos parar com toda essa verbosidade?

Marcada como edição histórica, a Veja traz mais uma retrospectiva aos sete dias que mudaram o Brasil. Diferentemente da edição anterior, a revista inicia com um breve relato motivador do movimento, sem menosprezá-lo ou atacar as minorias. Trazendo a perspectiva de mudança que rondou o Brasil nesse período, destaca os esquerditas que se viram emparedados com a nova realidade. A discrepância entre uma edição e outra é nítida. Se antes os manifestantes eram vistos como uma minoria vândala ou rebelde sem



causa, agora eram descritos como uma multidão de libertários lutando contra a corrupção do governo. Inclusive, encontra-se a seguinte frase: “esqueçamos os vândalos e os anarquistas”. O alvo agora são os políticos e o governo, atribuídos a eles a PEC 37, os gastos com a Copa do Mundo e todas as insatisfações populares que, segundo a Veja, recaem todas sobre os políticos do poder. Com o Partido dos Trabalhadores a todo instante sendo massacrado, alegando que a presidente e o seu partido não tinham nenhum controle sobre as manifestações, uma nova questão entra em debate, que seria a possível elevação da figura de Lula diante da mancha criada na imagem de Dilma.

Um tema que muito se iguala na abordagem de todas as revistas é a questão dos gastos com a Copa do Mundo. A revista Veja resolve tratar isso de outra maneira, embora sua opinião seja muito semelhante às outras. Em desaprovação aos grandes investimentos nos estádios de futebol, revela números do orçamento que, farsadamente, não recebe um real do governo federal. Conclui-se a matéria mostrando sua real função, que seria a de expor o destino dos investimentos, onde, por exemplo, alguns projetos de mobilidade urbana foram retirados de pauta. A verdade é que nenhuma elite quer perder o negócio lucrativo que a Copa acarreta.

A revista Veja finaliza suas matérias com enfoque sobre as práticas de vandalismo que ganharam a cena nos dias de caos. Embora essas atitudes tenham sido implantadas por manifestantes de variados segmentos, a revista intitula de anarquistas os verdadeiros donos da baderna, do quebra-quebra; aqueles que dão a palavra de ordem e incitam a violência. A prática dos anarquistas é conhecida como Black Bloc, que empurra as massas para atitudes irracionais que eles mesmos calculam e descrevem. Eles são uma minoria dentro de outra minoria, porém são os mais organizados e, portanto, os que causam um efeito maior. Segundo o autor, são esses os primeiros a serem punidos.

Não é a toa que a Veja abriu uma edição especial para dissertar sobre a prática Black Bloc colocando como chamada “o bando dos caras tapadas”. Caso curioso é que a imagem que ilustra a breve reportagem representa uma mulher de rosto coberto – como os ativistas da prática assim o fazem – com uma camisa do Estado da Paraíba. Muito irônico e inclusive desconhecedor do caso, pois, tendo participado do protesto que aconteceu na cidade de João Pessoa e acompanhado os de todo o Estado, posso concluir com vigor e veemência que fomos exemplos de civilidade e cordialidade, pois sequer uma placa de sinalização foi destruída. Práticas violentas não sucederam nas manifestações da Paraíba. E colocar como capa uma foto que difama um Estado já



muito calejado pelo preconceito, é o que se pode chamar, de fato, de prática indigna e deturpadora.

## CONCLUSÃO

Partindo do pressuposto de que o povo está longe de se calar e de que desde o período de junho de 2013 manifestações de diversas ordens vem assolando o Brasil, é plausível e lógico, que deve haver uma maior atenção para com a sociedade brasileira. Atenção essa que deve partir dos nossos governantes e representantes, pois se há uma certeza nesse movimento é a de que o país está mudando. E se nossos políticos não acompanharem o motim, serão descartados como uma tecnologia que fica obsoleta.

As manifestações de junho de 2013, período que ficou conhecido por alguns estudiosos como Primavera Brasileira, ficaram gravadas na memória, nas revistas, jornais e redes sociais, como um momento histórico que há muito era visto no Brasil. Porém, também pode ser entendida como um aviso aos governantes do nosso país, pois a qualquer momento os cartazes podem ser levantados novamente e os coros de liberdade e igualdade retornarem como hinos de vitória.

Tendo em vista as coberturas diversas desse movimento, chegamos à conclusão de que nosso meio midiático está cada vez mais omissivo. A TV escondeu boa parte dos protestos, transmitiu aquilo que os interessavam por uma maior audiência e foram de encontro com suas próprias declarações. As revistas, desde muito tempo, surgiram com seus posicionamentos já formados e hoje, simplesmente, pegam o fato e o encaixam nos padrões de esquerda ou direita. Ou estão a vociferar as críticas do atual governo, ou estão radicalmente querendo mudar a ordem. Numa atualidade onde as redes sociais se instalaram, é mais do que justo que esse meio seja utilizado de maneira correta e real, deflagrando os erros e os ofuscamentos de quem esconde a verdade.

Portanto, é conscientemente que analiso as diferentes abordagens de um processo que teve um único objetivo: mudar o Brasil. Diante disso, podemos dizer que ainda estamos na caminhada, mas que vale a pena cruzar a linha de chegada. Com base no exposto, uma pesquisa mais profunda poderia ser feita com o caso, pois não é de hoje que o tiro de largada foi disparado para a corrida de transformações. Diversas outras manifestações aconteceram no Brasil e se for feita uma comparação entre todas elas, há muito que se discutir. Muita coisa mudou. A imprensa mudou. A polícia mudou. O



povo, principalmente, mudou. E as causas, agora, são as mais variadas possíveis. Que o movimento nunca cesse e que a ordem e o progresso que tanto embelezam nossa bandeira sejam lema de mudança.

## REFERÊNCIAS

A COBERTURA ninja nas manifestações de junho de 2013. Direção: Samuel Mendes. Produção: Luciano Mendes e Michelly Martins. Trabalhos de conclusão do curso de Jornalismo. [S. l.], 2013. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=5yjvo9RJ50U>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

BARBOSA, M. Q. et al. Hoje você é quem manda. IstoÉ, São Paulo, v. 2275, 2013.

Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/748\\_HOJE+VOCE+E+QUEM+MANDA](http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/748_HOJE+VOCE+E+QUEM+MANDA)>. Acesso em: 21 fev. 2013.

BOECHAT, R. et al. Você mandou e o poder se mexeu. IstoÉ, São Paulo, v. 2276,

2013. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/749\\_E+O+PODER+SE+MEXEU](http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/749_E+O+PODER+SE+MEXEU)>. Acesso em: 2 mar. 2014.

CABRAL, O. Os sete dias que mudaram o país. Veja, São Paulo, v. 2327, n. 26, p. 60-90, 2013.

CARTA, M. O PT ficou para trás. Carta Capital, São Paulo, v. 754, 2013. Disponível

em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/754/o-pt-ficou-para-tras-2204.html>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

DIAS, M. A maioria do povo. Carta Capital, São Paulo, v. 755, 2013. Disponível

em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/755/a-maioridade-do-povo-7725.html>>. Acesso em: 9 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Muito além dos centavos. Carta Capital, São Paulo, v. 754, 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/754/muito-alem-dos-centavos-9851.html>>.

Acesso em: 9 mar. 2014.

FONSÊCA, D. **Não dá para não ver**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2013.

Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/10419.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

GOMES, C. A primavera brasileira. Carta Capital, São Paulo, v. 754, 2013. Disponível

em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/754/a-primavera-brasileira-6312.html>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.



LOCATELLI, P. O black bloc está na rua. Carta Capital, São Paulo, v. 799, 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

MAIEROVITCH, W. De João Sem Terra a Bakunin. Carta Capital, São Paulo, v. 754, 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/754/a-primavera-brasileira-6312.html>>. Acesso em: 9 mar. 2014.

MEGALE, B.; ARAGÃO, A. O bloco do quebra-quebra. Veja, São Paulo, v. 2335, n. 34, p. 72-79, 2013.

MOREIRA, P. L. Do sonho ao vandalismo e à brutalidade. IstoÉ, São Paulo, v. 2274, 2013. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/307104\\_DO+SONHO+AO+VANDALISMO+E+A+BRUTALIDA](http://www.istoe.com.br/reportagens/307104_DO+SONHO+AO+VANDALISMO+E+A+BRUTALIDA)>. Acesso em: 26 fev. 2014.

RANGEL, C.; MEGALE, B. A razão de tanta fúria. Veja, São Paulo, v. 2326, n. 26, p. 84-92, 2013.